

*Discurso na entrega de 509 veículos
adquiridos com recursos do Programa
Nacional de Segurança Pública*

FORMOSA, GO, 10 DE ABRIL DE 2001

Senhor Governador do Estado de Goiás, meu querido companheiro e amigo Marconi Perillo; Meu caro companheiro, Governador Joaquim Roriz, do Distrito Federal; Ministro da Justiça, José Gregori, que tem dado uma nova feição à ação desse Ministério; General Alberto Cardoso, Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, que tem dado um exemplo do que significa colaboração entre o Ministério da Justiça e os outros órgãos de Segurança do Estado no Brasil; Senhores Parlamentares, aqui presentes; Meu caro amigo Tião Carçoço, nosso querido Prefeito da nossa queridíssima Formosa; Prefeitos da região do Entorno, que aqui estão; Senhoras e Senhores,

Vou me permitir dispensar a leitura de um texto.

Em primeiro lugar, quero lhes dizer que, se o Governador e se o Prefeito manifestam a sua alegria com a minha presença aqui, nesta terra de Formosa, na verdade os papéis estão invertidos. Contento estou eu de poder voltar a Formosa, de poder ver Formosa, uma vez mais, e de lhes dizer que é verdade que conheço esta cidade, não por

razões eleitorais, não por razões de administração, mas porque tenho amor a esta cidade.

Quando era Ministro das Relações Exteriores, quando era Ministro da Fazenda eu vinha, aqui, guiando o meu carro, anonimamente, para comer um churrasco na praça, para conversar com alguns amigos aqui, em Formosa. Sempre me afeiçoei ao ver que esta cidade, que é símbolo de um Brasil novo, de um Brasil que acredita nele próprio, de um Brasil que tem coragem e que tem, também, humildade e modéstia para não proclamar as suas virtudes, é uma grande cidade, orgulho de Goiás e orgulho do Brasil. Estou, portanto, feliz de estar aqui, mais uma vez, em Formosa.

Mas melhor ainda. O Governador Marconi Perillo já disse o que estamos fazendo aqui. O que nós estamos fazendo aqui se simboliza por essas, quase, 600 viaturas da polícia. Essas viaturas, entretanto, são apenas o aspecto visível de um trabalho profundo que está sendo feito nesta região e em algumas outras regiões no Brasil. Esse trabalho tem uma palavra-chave: é parceria, é mutirão. Aqui estamos juntos: o Prefeito, o Governador, o Governador do Distrito Federal, o Ministro da Justiça, o Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o Presidente da República. E nós não estamos perguntando um ao outro de que partido somos. Nós não estamos querendo saber se esse pedacinho de terra pertence ao Governador Roriz ou ao Governador Marconi. Nós sabemos que aqui vive uma gente, gente brasileira. Homens, mulheres, velhos, crianças e a essa gente nós devemos o trabalho, o trabalho sério. E é essa gente que precisa de segurança. Segurança nos dias de hoje não é apenas polícia para reprimir – é também –, são também leis, em muitas nós estamos avançando no Congresso Nacional. É também o policial bem pago. E é por isso que o Governador disse que deixava para que eu desse esta notícia de que nós providenciamos os recursos para equalização, a melhoria das diárias, de tal maneira que o policial do Entorno não tenha que se sentir diminuído perante o policial do Distrito Federal. Eles cumprem a mesma tarefa, eles são responsáveis perante o mesmo povo, eles atendem o mesmo povo.

Mas esses aspectos são importantes: reconstruir a noção de respeito, de dignidade da função do policial, que é a de respeitar os direitos humanos, que há de abominar a tortura, que há de transformar-se num policial próximo do povo, aquilo que conta mesmo e refazer o modo pelo qual nós cuidamos das questões centrais de segurança. E segurança não é só na violência e roubo que aparecem. Segurança começa antes, começa na família, começa fazendo com que a criança não tenha que trabalhar para ajudar os pais. Daí o Peti–Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Nós estamos fazendo um esforço – e a Lúcia Vânia foi pioneira nisso – continuamos este esforço em todo o Brasil. Nós vamos retirar do trabalho infantil penoso todas as crianças brasileiras. Não é retirar do trabalho todas as crianças, porque muitas vezes no trabalho da família no campo ela é necessária, e o trabalho, às vezes, não impede o estudo. O ideal seria que não tivesse que trabalhar nem aí. Mas é inaceitável que a criança trabalhe na carvoaria, que a criança trabalhe no corte da cana, que a criança trabalhe no sisal, que as crianças trabalhem nas salinas, que são tipos de trabalho que podem causar danos à saúde.

É por isso que nós estamos nesse esforço imenso, temos verbas no Orçamento e estamos em cooperação com os vários níveis de governo para retirar do trabalho penoso todas as crianças brasileiras. Isso é o Peti. Essa sigla não existia, nós a criamos, Lúcia Vânia, você começou, a Wanda Engels continua. Mas quem faz não somos nem eu, nem a Lúcia, nem a Wanda, são as próprias famílias, são os prefeitos, são os governadores, são os administradores anônimos, são aqueles que dão assistência social. Enfim, é um trabalho coletivo.

Mas segurança, disse eu, começa na família e começa com a boa educação. E, aí, precisamos da família, da escola, das igrejas, dos sindicatos, das organizações da sociedade civil, porque temos que dar um combate ininterrupto ao uso da droga.

Criamos, também, uma organização chamada Senad, que é a Secretaria Nacional Antidrogas, comandada pelo General Alberto Cardoso e que não tem como objetivo prender o drogado. Tem como objetivo reeducar o drogado. Tem como objetivo evitar que mais pessoas caiam

na desgraça da droga. E isso não se faz no isolamento dos escritórios. Isso se faz com abnegação, isso se faz com o trabalho de solidariedade, isso se faz com a difusão de crença, de valores que acreditem na pessoa humana. Não é trabalho para uma demagogia, não é trabalho para uma lei apenas, não é um decreto, não é um discurso, não é um comício. É no dia-a-dia.

E aqui, Governador Marconi, aqui, Governador Roriz, estamos fazendo, ao mesmo tempo, a criação de uma polícia mais competente, mais séria e mais honesta e a reconstrução da sociedade, tirando criança da rua, dando escolas melhores às crianças, educando as próprias famílias, lutando contra a droga, fazendo com que o Congresso se sensibilize nesses aspectos todos, sem temer a repressão quando é necessário reprimir, aumentando a pena daqueles que são traficantes.

Lá no Congresso temos uma lei nesse sentido, fazendo com que não haja conivência, evitando a corrupção a todo preço, mas fazendo tudo isso pensando que este é um grande país e que vai crescer cada vez mais, à medida que cada um dos brasileiros tomar consciência da sua responsabilidade na reconstrução dessa sociedade. E não apenas cobrar dos que estão lá em cima. Os que estão lá em cima têm o dever, sim, de atender, mas quem não está também tem o dever, no seu âmbito de atuação, de ser um bom brasileiro, uma boa brasileira, um bom cidadão, uma boa cidadã. Isso se faz reconstruindo valores, acreditando efetivamente no ser humano

Claro, nada disso pode ser feito se não houver apoio. Nós estamos em Goiás despendendo, Governador, mais de 30 milhões de reais nesses programas. Só agora, 1 milhão e 800 mil reais, um pouquinho mais até, nesse conjunto que estamos aqui apresentando. Nós estamos, sim, destinando parcelas crescentes, não só de recursos, mas de responsabilidades no Governo Federal, para atender os governos estaduais. A Constituição diz que a segurança pública compete aos estados, mas o Presidente não vai cruzar os braços e repetir apenas o que está dito na Constituição. Não. Vai, sim, fazer o que estamos fazendo, vai assumir responsabilidades que constitucionalmente não lhe são próprias, mas

moralmente isso é uma obrigação de cada brasileiro. E o Presidente, como brasileiro, dará apoio e está dando esses recursos.

Se neste Fundo Nacional de Segurança Pública, que o Ministro José Gregori está tão bem implementando, nós estamos participando com 80% e Goiás com 20%, é porque nós sabemos que Goiás já faz muito em outras áreas e, portanto, corresponde a nós dar uma parcela também efetiva e grande de recursos para que o estado possa seguir adiante. O mesmo nós estamos fazendo no Distrito Federal. E aqui, com essa zona do Entorno integrada, não há mais aquela concepção: Brasília é Plano Piloto, lá fora são as cidades. Não. Porque os moradores das cidades do Entorno vão para Brasília, vão para os hospitais de Brasília, vão para os distritos policiais de Brasília. Vão, quando são meliantes, roubar em Brasília. Não se pode fazer essa separação.

Aqui, o trabalho do Tião Caroço é um trabalho efetivo que serve à capital federal. Assim como o trabalho do Roriz, lá em Brasília, serve aqui – e agora não vou errar –, ao Tião Caroço.

É com esse espírito de cooperação que nós estamos levando adiante esses programas. Pelo Brasil todo. E eu ando pelo Brasil inteiro. E se hoje, aqui, é segurança, muito recentemente, em Águas Lindas, foi a educação, foi a bolsa-escola. E se quiserem saber quantas crianças serão atingidas pelo Programa Bolsa Escola, no Brasil, são 10 milhões. Nunca houve, no Brasil, um programa dessa magnitude, para fazer com que as famílias tenham um pequeno apoio. Pequeno porque não podemos mais, mas apoio para que as crianças continuem estudando.

E se, outro dia, eu fui lançar um programa de saneamento básico lá em Recife, ou lá em Aracaju, ou lá no Maranhão, ou lá no Ceará ou onde mais seja, é porque a população precisa. E se disserem, como dizem, que cada vez que o Presidente sai com algum ministro, é porque o Presidente é cabo eleitoral desse ministro, todos os meus ministros são candidatos à Presidência da República, porque eu vou sair com todos eles pelo Brasil afora, não pensando em candidatura, mas que numa única candidatura: a de que o Brasil seja um país melhor, mais digno de ser vivido. Para isso, nós todos temos que estar juntos, como estamos hoje aqui, sem olhar outra coisa.

E se estamos aqui, meu caro bispo, em sua companhia, é porque o Governo sabe que não pode fazer nada disso sozinho. Precisa da ajuda das Igrejas, da católica, que é a nossa, mas não é a única, há outras. E todas têm que estar trabalhando juntas.

É com esse espírito que eu venho aqui, a Formosa, e volto aqui a Goiás pela quinta vez, no governo de Marconi Perillo. Sem contar as outras vezes que vim a Goiás, nos governos anteriores. E eu espero continuar vindo a Goiás. E continuarei. Daqui a dois anos, um pouco menos, não serei Presidente da República. Aí sim, vou voltar aqui, a Formosa, guiando meu carro, para comer o churrasquinho de que eu gosto, vendo o povo bom desta cidade, e aplaudindo mais uma vez o Tião Carçoço, o Perillo, o Governador Roriz e todos aqueles que vão continuar nessa caminhada, como todos que estão a meu lado, por um Brasil melhor.

Vamos seguir juntos, goianos, pelo Brasil, pelos nossos filhos, com mais segurança, com mais decência e com mais dignidade!

Muito obrigado, Formosa, muito obrigado Goiás.